

UMA IGREJA EUCARÍSTICA: LITURGIA E MARTYRIA

Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa*

RESUMO

Igreja eucarística é uma expressão muito usada para significar a ligação profunda da Igreja Católica com o Mistério da Eucaristia. Este estudo mostra que uma Igreja só pode ser eucarística à medida que integra os dois loci teológicos por meio dos quais, do nascer ao pôr do sol, ela rende louvores ao Criador. Isso se dá por meio da liturgia (celebração) e da martyrria (testemunho). Então, entre a celebração e o martírio não há muita distância, desde que a liturgia seja a fonte e o cume.

Palavras-chave: Igreja, Eucaristia, louvor, Tabor, liturgia, martírio, história.

ABSTRACT

Eucharist Church is an expression often used to signify the deep connection of the Catholic Church with the Mystery of the Eucharist. This study shows that a church can only be Eucharistic in that integrates the two theological loci through which, from sunrise to sunset, she earns praise to the Creator. It is through the liturgy (celebration) and martyrria (testimony). So, between the celebration and martyrdom there is not much distance, since the liturgy is the source and summit.

Keywords: Church, Eucharist, praise, Tabor, liturgy, martyrdom, history.

INTRODUÇÃO

A expressão “Igreja eucarística” indica uma Igreja que incessantemente eleva a Deus o louvor que brota das entranhas da criação, da qual ela faz parte e se torna porta-voz. Por isso, não cessa de reunir o Povo de Deus,

* Doutor em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo Facoltà di Sacra Liturgia Pontifício Instituto Litúrgico (1997). Atualmente é diretor, professor e pesquisador da Faculdade de Teologia de Nossa Senhora Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Tem experiência na área de Teologia Litúrgica, com ênfase em Ciência Litúrgica e Sacramentos.

do nascer ao pôr do sol, para oferecer em toda parte um sacrifício perfeito,¹ gerando um estado contínuo de ação de graças no mundo. Essa ação eucarística é inerente ao ser da Igreja, pois é seu dever e salvação dar graças a Deus Pai, sempre e em todo lugar, por meio de Cristo.² Isso ela faz, de forma mais plena, oferecendo o “sacrifício perfeito” a que se refere à Oração Eucarística III, que é a Ceia do Senhor, também chamada de Eucaristia.

A palavra *Eucaristia*, em grego, significa “agradecimento”. Ela passou para o Novo Testamento com o sentido de “ação de graças” e, tecnicamente, no final do primeiro século,³ tornou-se o nome da Ceia do Senhor, que na época apostólica também era chamada de “Fração do Pão”.⁴

A Ceia do Senhor ou Fração do Pão se dá no contexto de uma “bênção” (*eulogia*) que Jesus reza antes da distribuição do pão, e de um agradecimento (*eucharistia*) que precede a distribuição do vinho e que corresponde, no rito pascal judaico, ao grupo de orações da terceira taça de vinho, depois do *Hallel*.⁵ Essa taça fecha a ceia. Talvez, seja por isso que se tornou um dos nomes do rito pascal da Nova Aliança, o qual faz memorial da Páscoa de Cristo, até que ele volte para consumir a história.

O verbo *eucharisteo* se traduz por “ser agradecido, dar graças”, e o adjetivo *eucharistos* significa “agradável, agradecido”. Então não há que fugir da esfera da alegria, enquanto estado de ânimo, e do reconhecimento, enquanto gratidão pelas maravilhas que Deus realiza na história. Isso, a Igreja faz em dois *loci* teológicos distintos e integrados. Esses *loci* são a liturgia e

¹ “Na verdade, vós sois santos, ó Deus do universo, e tudo o que criastes proclama o vosso louvor, porque por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, e pela força do Espírito Santo, dais vida e santidade a todas as coisas e não cessais de reunir o vosso povo, para que vos ofereça em toda parte, do nascer ao pôr do sol um sacrifício perfeito”. Oração Eucarística III, PAULO VI. *Missal Romano* restaurado por decreto do Sagrado Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1992, p. 483.

² Preâmbulo dos prefácios. Oração Eucarística III. PAULO VI. *Missal Romano* restaurado por decreto do Sagrado Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1992, pp. 406-466.

³ Cf. JUNGSMANN, J.A. *Missarum sollemnia. origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 185.

⁴ Cf. MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo: Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 292.

⁵ O *Hallel* (*Hallelù-Jah*), que significa Louvai *lahweh*, compreende duas fórmulas, que comecem respectivamente: *Bendito sejas tu (eulogia)*, Senhor nosso Deus, rei do mundo que alimentas o mundo inteiro, e *nós te damos graças (eucharistia)*, Senhor nosso Deus, porque tiveste compaixão.

a ação apostólica no mundo. Em outras palavras, a Igreja dá graças a Deus por meio da celebração dos sacramentos, cujo cume é a Eucaristia, e do testemunho cotidiano, que tem como topo o martírio. É de suma importância definir a distinção e a integração desses dois *loci*.

A distinção é muito clara entre o *locus* teológico da liturgia e o do testemunho cotidiano. A liturgia se dá no Tabor, e o testemunho, no vale da história. O Tabor é o lugar da contemplação de Deus, e o vale da história é o campo de batalha entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, Deus e o demônio. É onde o Reino deve impor sua presença. Qualquer inversão ou desconsideração a respeito dessa diferença causa enormes problemas na Igreja. A liturgia não pode ser palco de conflitos, nem o dia a dia um mar de rosas. Cada momento tem a sua especificidade. Porém, há uma integração entre a liturgia e o testemunho. A constituição conciliar *Sacro-sanctum Concilium* define bem essa verdade: “A liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força” (cf. *Sacro-sanctum Concilium*, 10).⁶ Uma liturgia só cumpre sua função se gerar, na assembleia, o mesmo sentimento que Pedro expressou no Tabor, maravilhado com a visão gloriosa de Jesus: “É bom estarmos aqui”. E essa disposição de armar tendas no Tabor revela um lado essencial da liturgia, que é a experiência contemplativa de Deus, da qual gostaríamos de não sair mais. No entanto, há outro *locus* da experiência de Deus, o vale da história, denominado pela devoção popular como “o vale de lágrimas”.⁷ Somente a alegria do Tabor pode alimentar o cristão para enfrentar o “vale de lágrimas” com alegria pascal. Sem o Tabor o “vale de lágrimas” torna-se puramente um drama. Então, o vale da história é constituído de lutas, e a liturgia, de descanso, aquele descanso de que Jesus fala quando diz: “Vinde a mim vós todos que estais cansados sob o peso dos vossos fardos e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). Justamente, os fardos constituem o peso das lutas que o testemunho representa.

Os sacramentos são celebrações de ação de graças que colocam a Igreja no patamar do Tabor, em contato com a liturgia celestial,⁸ onde reina

⁶ Para aprofundar a correlação teológico-litúrgica entre fonte e cume, ler: COSTA, V. S. *Encontro com Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 31-46.

⁷ Expressão que aparece na *Salve Regina*.

⁸ Com a expressão “patamar do Tabor”, quero salientar que a fonte da liturgia terrena é a liturgia celestial. Sobre esse tema, ler CORBON, J. *Liturgia de fonte*. São Paulo: Paulinas, 1981.

para sempre o Ressuscitado.⁹ Já no dia a dia, a Igreja rende graças a Deus por meio do testemunho, onde a experiência da paixão e da cruz está na pauta, assim como a morte redentora do Messias era tema da conversa de Jesus com Moisés e Elias durante a transfiguração no Tabor (Lc 9,31). O sacramento que celebra, de forma mais plena, a ação de graças da Igreja é a Eucaristia. É o auge da experiência do Tabor, momento privilegiado de uma Igreja peregrina que sobe a montanha para rezar, a fim de alimentar-se e renovar suas forças para descer ao vale do testemunho cotidiano, onde o auge da ação graças é o martírio, do qual a Igreja tem larga experiência. Então, a celebração da Eucaristia, ancorada pela Liturgia das Horas, e o martírio constituem o ápice da ação de graças que a Igreja dá a Deus, por meio de Jesus Cristo. De um lado, no coração da liturgia há um sacramento que, entre os vários nomes que recebeu ao longo da história,¹⁰ figura, desde a virada do primeiro século, o nome de Eucaristia, embora, ainda hoje, Missa — nome adquirido em torno dos anos 400 —¹¹ seja, tecnicamente, o mais conhecido. O contexto de alegria que marcou a celebração desse sacramento nas origens da fé está registrado nos Atos dos Apóstolos, quando dizem que “dia após dia, unânimes [...], partiam o pão pelas casas, tomando seu alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46). De outro lado, no coração do testemunho cotidiano, nasce o senso da *martyria*, que, em grego significa a disposição de uma testemunha. Tal disposição é notável no comportamento dos apóstolos, como Paulo e Barnabé, que, quando foram perseguidos e expulsos de Antioquia da Pisídia, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo (At 13,52).

Podemos afirmar que uma Igreja eucarística é uma Igreja que vive no âmbito da Eucaristia, isto é, da liturgia e da *martyria*. Tem entusiasmo para celebrar a Ceia do Senhor e disposição para o testemunho. Isso qualifica sua liturgia e sua pastoral, motivando-a continuamente à evangelização. Celebrando a fé com o encanto de discípulos apaixonados por Jesus e vivendo o senso da *martyria*, a Igreja entra na efervescência de um entusiasmo que gera o estado contínuo de missão. Por isso planeja suas atividades como

⁹ Para aprofundar a experiência do encontro com o Cristo glorioso na Eucaristia, ler: COSTA, V. S. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulus, 2006.

¹⁰ “O nome que esta celebração recebe no NT é duplo: ‘Fração do pão’ e ‘ceia do Senhor’”. ALDALZÁBAL, J. Eucaristia. In: BOBOBIO, D. *A celebração da Igreja*. v. 2. Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1988, p. 153.

¹¹ *Ibid.* p. 790.

Jesus, que, no Evangelho de Lucas, condensou sua missão numa única subida bem articulada a Jerusalém, onde se consumou a salvação.

Na base da ação de graças há dois sentimentos fortes: *alegria* e *gratidão*. Sem eles é difícil imaginar uma Igreja que possa celebrar dignamente sua liturgia e levar avante sua missão. Esta pode chegar ao testemunho de sangue. É aí que vemos outra qualidade apostólica que aparece com muita ênfase nos Atos dos Apóstolos para definir o estado de ânimo e a convicção com que Paulo pregava Jesus Cristo aos pagãos. Trata-se do termo *ousadia* (*parresia*), cujo conceito está relacionado com a coragem, a firmeza e a intrepidez provindos da liberdade de falar sem a vergonha constrangedora da timidez (At 9,27; 13,46; 14,3). É próprio de quem está possuído por uma experiência profunda de Deus. Portanto, a ousadia cristã tem muito mais a ver com entusiasmo que com agressão. Então, Igreja eucarística é uma Igreja alegre e agradecida. Por isso não lhe falta entusiasmo na hora de ritualmente manifestar sua gratidão para com Deus, por meio da celebração litúrgica, e intrepidez na hora de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo aos diferentes seguimentos da sociedade. É, portanto, uma Igreja entusiasta que, além da qualidade das suas celebrações, tem ousadia para pregar Jesus Cristo em tempo e fora de tempo aos que não o conhecem ou não o conhecem direito; e, ao mesmo tempo, sabe aprofundar a catequese dos mistérios que envolvem a fé em sua organização sistemática, sem nunca perder o caráter querigmático da primeira hora da evangelização, quando o missionário está imbuído do encantamento por Jesus e sob o impacto da própria conversão. Em outras palavras, é uma Igreja que nunca deixa acontecer o que ocorreu com a Igreja de Éfeso (Ap 2,4), isto é, nunca perde o primeiro amor. Vive em estado extático,¹² ou seja, num encantamento perene com o Mistério de Cristo. Isso lhe dá um caráter tremendamente jovial e fecundo.

Qual era a razão da alegria e da gratidão que povoavam os corações dos fiéis da primeira hora senão a certeza de que todas as promessas feitas ao longo da história da salvação encontraram sua plena realização na pessoa de Jesus Cristo? Por isso é que o modelo da *Hagadá* judaica nos dias festivos da Páscoa serviu de base para a estrutura da celebração da Eucaristia, que tem no seu núcleo a Oração Eucarística,¹³ aí inspirada.

¹² Para aprofundar o sentido da mística extática, COSTA, V. S. Resgate da Mística na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. In: *Revista de Cultura Teológica*, n. 68, jul/dez de 2009, pp. 17-40.

¹³ Cf. JUNGMANN, J. A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 33.

Então, a Eucaristia “é um grande ato de gratidão e louvor a Deus, que ‘nos deixou o memorial das suas maravilhas’, das quais Jesus Cristo é o cume e o esplendor”.¹⁴ Necessariamente, a memória de Jesus é o eixo do encontro com Deus que a Eucaristia promove e, assim, a Igreja realiza seu ardente desejo de cear com ele até o dia em que ela possa definitivamente juntar-se a ele,¹⁵ quando se realizará o desejo que o próprio Jesus expressa na oração sacerdotal: “Pai, aqueles que deste quero que onde eu estou, também eles estejam comigo, para que completem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17,24).

Então, uma Igreja eucarística é uma Igreja iniciada na fé. Por isso mesmo, é capaz de subir ao Tabor para celebrar o Mistério e se lançar no mundo para anunciar ousadamente Jesus Cristo e testemunhá-lo profeticamente com seu modo de viver e sua postura cristã diante dos fatos que negam o Reino e compromete a paz e a ordem salvífica, inspirada no amor.

UMA IGREJA INICIADA NA FÉ

A iniciação na fé é um tema muito presente na discussão teológica e pastoral do nosso tempo, sobretudo quando confrontamos situações de Igrejas sedimentadas como as Igrejas europeias, que se implantaram por meio de uma evangelização madura, mas que hoje, em sua maioria, estão estagnadas ou subdivididas em várias categorias de católicos.¹⁶ Preocupante ainda é a situação das Igrejas latino-americanas ou, talvez africanas, cuja evangelização apressada e confusa gerou um catolicismo mais cultural que espiritual. Por isso, diante do pluralismo atual de opções religiosas, perdem muitos fiéis.¹⁷

¹⁴ COSTA, V. S. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Um exemplo concreto é a Suíça, que pode ser considerada uma radiografia da Europa. Segundo uma pesquisa, publicada em 2005, dentre os que se declaram católicos, há 11% de não religiosos, 27% que não querem mais saber da Igreja, 30% que constroem a sua religião emprestando elementos de outras religiões, 20% ligados a ideias esotéricas e à Nova Era e apenas 12% que manifestam fidelidade total à Igreja. Cf. BLANK, R. A Igreja na Europa hoje: missão complexa. In: *Missão Jovem Hoje*. <http://www.pime.org.br/misaojovem/mjigrejamundo hoje.htm> acesso em 17/8/2010.

¹⁷ No Brasil, “entre 1980 e 1991, a supremacia católica começa a sofrer fissuras. Nesse período, os católicos perdem 5,7 pontos percentuais, enquanto os evangélicos aumentam 2,4 pontos e os sem religião apresentam um crescimento relativamente alto, de 3,1 pontos. O recenseamento demográfico de 2000 não apenas confirma a tendência ao longo da

No caso europeu, pode-se falar da perda do primeiro amor, pois aquelas Igrejas nasceram sob o impacto do Evangelho e hoje parecem ter perdido o entusiasmo, já que não conseguem mais falar de Jesus Cristo como esposas apaixonadas. Nesse caso, é preciso reiniciar o processo de evangelização.¹⁸

No caso latino-americano, podemos falar de uma evangelização apressada e confusa que veio misturada com a implantação da colônia. Nesse contexto, participar dos atos religiosos era, ao mesmo tempo, participar dos atos civis. Caio Prado Junior descreve que no Brasil-colônia o povo

participará dos atos da religião, das cerimônias do culto com a mesma naturalidade e convicção que de qualquer outros acontecimentos banais e diuturnos da sua existência terrena; e contra eles não pensaria um momento em reagir. Será batizado, confessará e comungará nas épocas próprias, casar-se-á perante um sacerdote, praticará os demais sacramentos e frequentará festas e cerimônias religiosas com o mesmo espírito com que intervém nos fatos [...] da sua vida civil.¹⁹

Convenhamos que “seguir Jesus Cristo não é natural ou tão comum como ser cidadão de um país”.²⁰ Supõe uma iniciação na fé, que não pode ser feita apenas sacramentalmente, mas por meio de um processo maduro de evangelização, no qual a conversão é um fator preponderante.

Os três sacramentos, que dão a graça para o cristão viver e celebrar a sua fé com o entusiasmo de verdadeiro seguidor de Jesus são o Batismo, a Crisma e a Eucaristia, os quais, segundo antigas tradições, eram celebrados segundo a ordem em que estão colocados, confirmando o que disse o Papa Bento XVI: “É preciso não esquecer jamais que somos batizados

década anterior (1980-1991), mas sobretudo revela a sua aceleração: os católicos perdem 9,4 pontos percentuais e representam agora 73,9%, ou seja, cerca de três quartos da população do país. Ao contrário, os evangélicos crescem 6,6 pontos, sendo os pentecostais o principal motor desta transformação. Já os sem religião registram um aumento de 2,7 pontos”. JACOB, César Romeiro. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro/Brasília: Loyola/PUC/CNBB, 2003, p. 33.

¹⁸ É notório o fato de que igrejas (templos) europeias são sistematicamente fechadas por falta de fiéis.

¹⁹ PRADO JUNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo - Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 335.

²⁰ COSTA, V. S. *Encontro com Deus na Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 64.

e crismados em ordem à Eucaristia”,²¹ embora diga o mesmo Papa que a ordem dos sacramentos divergiu no Oriente e Ocidente mais por motivos pastorais que dogmáticos e que o importante é buscar uma ordem para colocar a Eucaristia no centro.²² Como disse o Papa João Paulo II, o fundamento e a fonte da Eucaristia é o *Triduum Paschale*, de certo modo, guardado, antecipado e concentrado no dom eucarístico, entregue à Igreja para realizar a misteriosa contemporaneidade entre o Tríduo e o arco inteiro dos séculos.²³ Isso supõe que nenhum batizado deixe de lado o sacramento em vista do qual foi batizado.

Porém, em nossa realidade de uma evangelização apressada e confusa, temos um número altíssimo de batizados²⁴, um número imensamente inferior de participantes da Eucaristia²⁵ e um número ainda menor de crismados. Isso mostra que o eixo da iniciação cristã foi quebrado e que batizar, nesse contexto, é um fato mais cultural e não propriamente um ato de fé. Estagnada no Batismo, a maioria católica não completa sua iniciação e, por isso, não pode ser testemunha convicta da fé. Não pode ser uma Igreja realmente eucarística porque não tem alegria pascal para celebrar a Eucaristia nem entusiasmo missionário para difundir a fé.

Também em nosso caso é preciso promover uma iniciação na fé, marcada pela inspiração catecumenal, tão enfatizada pelo capítulo VI do *Documento de Aparecida*,²⁶ como bem lembra a CNBB.²⁷ Portando, não se pode falar de uma *Igreja eucarística* que não tenha uma formação profunda na fé, o que o sistema catecumenal dos séculos primitivos soube fazer. Não se adquirem

²¹ BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Sacramentum Caritatis”*, sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 17.

²² *Ibid.*, n. 18.

²³ Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003, n. 5.

²⁴ Consideremos aqui os que se declaram católicos no censo, somados aos que evadiram da Igreja Católica, que embora não se consideram mais católicos, foram, no entanto, batizados.

²⁵ Segundo a pesquisadora Sílvia Fernandes, os católicos que vão à missa semanalmente totalizam 21%. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/papa_no_brasil/2007/0417/a_diversificacao_religiosa_e_fuga_da_igreja_catolica_753981.html.

²⁶ CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007, pp. 113-157, que trata justamente da formação dos discípulos e missionários.

²⁷ Cf. CNBB. *Iniciação à vida cristã*: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009, p. 11.

a alegria e o gosto pela celebração da fé e a ousadia do testemunho senão por meio de uma formação adequada como o catecumenato fez.

UMA IGREJA QUE SOBE AO TABOR PARA CELEBRAR

A celebração da fé tem seu estatuto próprio e faz parte de uma área de saber específica. Essa área encontra-se no âmbito da teologia litúrgica e se relaciona com outras ciências, como a antropologia religiosa. Por falta de encanto com Jesus e seu mistério pascal e por desconhecer a dimensão teológica e antropológico-simbólica da celebração, muitos são levados a um desejo de realizar criatividades inovadoras ou de mostrar uma compreensão marcadamente racional dos ritos sagrados, quebrando o estatuto da celebração em favor de posturas didáticas que supostamente correspondam aos objetivos buscados. Quem não está encantado com Jesus Cristo trata as questões litúrgicas como ações comuns. Às vezes até usa a celebração para chamar a atenção sobre pessoas e fatos que não o próprio Jesus Cristo. Foge da natureza própria dos ritos e usa-os para propagandas bem intencionadas das pastorais ou dos próprios santos. Porém, esquece-se de que a liturgia é essencialmente celebração do Mistério pascal e, por isso, deve estar centrada do começo ao fim na memória de Jesus. Aí a Igreja sabe como fazer relação com a Virgem Maria e com os santos. Maria, além de modelo de fidelidade no seguimento, está integrada ao Mistério por decisão divina, faz parte da encarnação, estava aos pés da cruz quando Jesus morria, foi testemunha qualificada da ressurreição e presenciou o milagre de Pentecostes.²⁸ Continuou, segundo a tradição, a apoiar os apóstolos e encorajá-los à missão. Os santos são seguidores exemplares que servem de modelo de vida e estímulo missionário.²⁹

O Tabor na liturgia corresponde ao destacamento do comum da existência quando os apóstolos acompanharam Jesus, subindo com ele a montanha para a oração, como descreve Lucas (9,28ss). Enquanto oravam, tiveram uma experiência antecipada da eternidade. A qualidade de vida que experiências dessa natureza propiciam é muito superior às

²⁸ Prefácio *Maria modelo e Mãe da Igreja*. Missa Votiva Nossa Senhora Mãe da Igreja. Missal Romano, p. 953.

²⁹ As antifonas da Liturgia das Horas são verdadeiras catequeses litúrgicas, quando dizem: *Adoremos o Senhor, admirável nos seus santos*. Comum dos homens santos. Tempo da Quaresma. Tríduo Pascal e Páscoa, p. 1856.

ações comuns,³⁰ porque representam uma expansão interior e afetiva muito maior.³¹ Mas, para isso, é necessário que se respeite o estatuto próprio da liturgia, cuja característica antropológica principal é seu aspecto ritual sagrado.³² Se o discípulo não estiver encantado com o Mestre, não conseguirá celebrar o êxtase do Mistério nem divulgar o Evangelho com ardor missionário.

A celebração da fé encaixa-se no âmbito ritual sagrado e, por isso, foge completamente ao vulgar e comum da vida. É momento luminoso, que, do ponto de vista religioso, corresponde ao Tabor de Jesus, quando ele antecipa em si o futuro da humanidade e faz os discípulos experimentarem o sabor da eternidade. É certo que a última Ceia foi celebrada no clima que antecipava a paixão. Mas o modelo que Jesus inaugura na Quinta-Feira Santa é assumido no período pós-ressurreição à luz do modelo sabático judaico e, portanto, é compreendido pelos cristãos com o mesmo sentido sagrado e festivo que tem o sábado para os judeus. Para diferenciar da Antiga Aliança, o transpõem para o primeiro dia semana, o Domingo ou Dia do Senhor, dia da ressurreição, que escapa à trivialidade dos outros dias e inaugura o novo dia de festa, quando o Noivo preenche os corações com a alegria pascal da sua presença; e, por isso, a Igreja despe o luto e se veste de gala (Mt 9,15).

Um estudo antropológico sério mostra como o rito é importante para a sobrevivência da pessoa e da sociedade, justamente porque constitui um momento que se destaca do comum da existência e faz mergulhar na profundidade dos sentimentos. Por outro lado, um rito sagrado é a sobrevivência de qualquer religião. A banalização de ritos sagrados é um verdadeiro desastre do ponto de vista religioso e humano. Um mistério de uma grandeza tal como o Mistério cristão só pode ser celebrado como um rito sagrado. “O *Mistério* divino é antes de tudo Deus nele mesmo. É o Infinito, e o Inacessível, três vezes Santo, de quem nenhum homem se aproxima sem morrer”,³³ como dizia Odo Casel. E explica o grande teólogo da liturgia que o humanismo

³⁰ Cf. COSTA, V. S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 53-64.

³¹ Cf. COSTA, V. S. *Encontro com Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 12-14.

³² Sobre esse tema ler: COSTA, V. S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 8-55.

³³ CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 18.

contrapôs-se ao Mistério, na medida em que coloca o homem e suas potencialidades no centro da vida e deixa o Mistério à margem:

Diante de caminhos novos, o Mistério eclesial teve de afastar-se. Ele insistia demais na ação misteriosa da graça divina, na união de Deus e do homem, conjugando suas vidas e sua ação. O homem assim gozaria de um papel muito passivo. O Mistério acentuava muito o socorro maternal da Igreja, desenvolvendo e consumindo a perfeição pessoal na comunidade. Ele já não servia bastante às investigações da razão. O Mistério escapava à razão, já não se podiam apalpar e valorizar seus efeitos. Ele sacrificava demais a “personalidade” — a “maior felicidade das crianças da terra” — a Deus e à santa comunidade. Seria, então, muito simples, muito divino para satisfazer o homem que atingiu a plena consciência de seu valor e de suas próprias forças. Humanismo e Mistério opõem-se irreconciliavelmente.³⁴

Morrer diante do Mistério significa renunciar o pressuposto do humanismo e deixar-se possuir pela imensidão da majestade divina. Significa a entrega que cada ser humano deve fazer para que o Espírito de Jesus o habite plenamente. Somente assim é possível a visão do Tabor, que não é mais um monte exterior, mas uma revolução interior que permite a Deus habitar no homem.

Por isso, Igreja eucarística é uma Igreja que vive para o domingo, sempre buscando o domingo que não tem fim. Não o transforma em um dia comum de atividades práticas nas quais se inclui a pastoral, mas exalta o seu teor festivo e celebrativo, incentivando também as famílias cristãs a se reunirem e celebrarem. Contudo, a Eucaristia é sempre o eixo principal. Então, o Domingo é o dia da reunião sagrada e não de reuniões comuns. É o dia de comer a Ceia do Senhor e de adorá-lo de muitas formas, como a própria adoração eucarística, desde que a comunhão seja o ato supremo e prioritário da adoração do discípulo em relação ao Mestre.

UMA IGREJA QUE SE LANÇA NO TESTEMUNHO PROFÉTICO

Por fim, Igreja eucarística é uma Igreja que testemunha sua fé por meio de uma evangelização que a coloca em estado contínuo de missão. Vive

³⁴ Ibid., p. 17.

de maneira tal que, o seu comportamento, marcado pela alegria pascal e pelo entusiasmo missionário, é um vigoroso serviço ao Reino e um protesto sereno e contundente contra os entraves que o negam na história. Por isso, incomoda-se e não se acomoda, está em contínuo estado de conversão, como diz Paulo aos Romanos: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, e o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12,2).

É uma Igreja profética e atual. Atual não só na sua linguagem, mas nas preocupações e na descoberta dos grandes sinais que bloqueiam ou incentivam o Reino. Dentre esses sinais, destaca-se a preocupação ecológica atual.

Igreja profética e uma Igreja que sempre está à frente do seu tempo e nunca na rabeira da história. Vê com olhos críticos da fé os embates entre o bem e o mal e serenamente se posiciona, mesmo à custa de perseguições. E, quando sofre, não deixa de louvar e testemunhar até as últimas consequências, propondo-se a *amar o inimigo e orar pelos perseguidores* (Mt 5,43). Aí está o diferencial do cristão.

CONCLUSÃO

Poderíamos, então, dizer que Igreja eucarística é uma Igreja articulada de tal modo que do nascer ao pôr do sol eleve louvores ao Criador de todas as coisas, santificando tudo pela ação do Espírito Santo que nela habita. Por outro lado, testemunha com palavras a ações o Mistério de Cristo, contribuindo para que todos conheçam, amem e sigam a Jesus. Porém, uma Igreja só é eucarística à medida que consiga achar o caminho da integração entre oração e ação, redescobrimdo que “a liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força” (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 10).³⁵ Necessariamente, essa verdade desemboca na espiritualidade litúrgica que deve orientar a Igreja e cada fiel. Por sua vez, a espiritualidade litúrgica é estruturada na Eucaristia e na Liturgia das Horas. Esta deverá chegar um dia às mãos do povo. Vivendo para o Domingo e celebrando as Horas como manifestação do Cristo,³⁶ a Igreja não sai do

³⁵ Cf. COSTA, V. S. *Encontro com Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010, pp. 31-46.

³⁶ Para aprofundar a subsidiariedade entre a Eucaristia e Liturgia das Horas, ler: COSTA, V. S. *Liturgia das Horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulus, 2005.

coração do Mistério e cultua regularmente os santos. É a única forma de integrar a absoluta adoração ao Cordeiro pascal com a devoção à Virgem Maria e aos santos e heróis da fé. Esse é o seu primeiro *locus* teológico. Alicerçada e alimentada pela liturgia, cujo ápice é a Eucaristia, uma Igreja realmente eucarística participa ativamente na transformação da realidade presente em vista do Reino de Deus. É o segundo *locus* teológico. Por isso, deve receber toda a formação necessária para subir ao Tabor da liturgia e descer ao vale da história para participar eficazmente na transformação do mundo. Isso não se dá sem uma iniciação cristã adequada, cujo modelo insuperável é o catecumenato primitivo. Ele proporcionou aos cristãos um encanto profundo com o Mistério de Cristo, manifestado sobretudo na liturgia, que representa o Tabor onde o Ressuscitado se revela totalmente. Assim, a Igreja adquire forças para testemunhar até o martírio, se for necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDALZÁBAL, J. Eucaristia. In: BOBOBIO, D. *A celebração da Igreja. Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1988, v. 2, pp. 145-357.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Sacramentum Caritatis"* sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BLANK, R. A Igreja na Europa hoje: missão complexa. *Missão Jovem Hoje*. [Http://www.pime.org.br/missaojovem/mjigrejamundohoje.htm](http://www.pime.org.br/missaojovem/mjigrejamundohoje.htm) acesso em 17/8/2010.
- CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CNBB. *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CORBON, J. *Liturgia de fonte*. São Paulo: Paulus, 1981.
- COSTA, V. S. *Encontro com Deus na Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. *Liturgia das Horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. Resgate da Mística na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. In: *Revista de Cultura Teológica*, n. 68, julho/dezembro de 2009, pp. 17-40.

- FERNANDES, S. *A diversificação religiosa e fuga da Igreja católica*. <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/papa_no_brasil/2007/0417/a_diversificacao_religiosa_e_fuga_da_igreja_catolica_753981.html>.
- JACOB, C. R. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais do Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro/Brasília: Loyola/PUC/CNBB, 2003.
- JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.
- JUNGMANN, J. A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulus, 2009.
- PAULO VI. *Missal romano*. Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecu-
mênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1992.
- PRADO JUNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo; colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.